

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA NA PROCISSÃO DE SANTO ANTÔNIO EM BEBEDOURO, MACEIÓ-AL

Arlindo da Silva Cardoso¹

Resumo: As fotografias permitem discursos que podem ser percorridos a partir das significações propostas pelo autor das imagens e de quem as aprecia. A forma como as imagens são produzidas e analisadas podem se desenvolver através de perspectivas diferenciadas, gerando questionamentos e interpretações através dos eventos nos quais os “objetos” foram capturados. Este texto trata-se de um ensaio, e é o resultado da minha experiência enquanto aluno especial da disciplina Antropologia Audiovisual no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas. Trata-se de uma discussão feita a partir da minha experiência etnográfica por meio da fotografia, na procissão de Santo Antônio de Pádua, em Bebedouro, Maceió-AL, no ano de 2019. Esta foi a última procissão tradicional realizada no bairro após o agravamento da pandemia do novo coronavírus e de problemas de mineração que vem acumulando desapropriações no baixo.

Palavras-chave: fotografia, memória, religiosidade.

1. A memória como motivação

Bebedouro compõe a cidade de Maceió, em Alagoas. Foi um dos bairros mais nobres do Estado na primeira metade do século XX, constituído por casarões, palacetes e o colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, dirigido por freiras. Nos tempos eleitorais, era na Praça Lucena Maranhão que aconteciam os comícios políticos, bem como os principais os festejos carnavalescos, juninos e natalinos, com brincadeiras de rua e apresentações de folguedos. Os participantes de outros bairros iam para lá de bonde, este que cortava a praça central, defronte à igreja matriz com seus azulejos portugueses, e compunha a paisagem às margens da Lagoa Mundaú, no cotidiano da pesca e da feira livre.

Atualmente, boa parte dos seus casarios permanecem resistindo às mudanças do tempo. A praça obteve várias reformas, dentre elas, as linhas do bonde, por onde hoje rolam os trens, passando atrás da igreja matriz – com seus espaços internos ampliados. Próximo à estação, o porto pesqueiro continua, junto à feira livre, se misturando ao

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (PPGAU-UFAL). arlindocardoso@gmail.com

comércio diverso, o trânsito confuso, as escolas, repartições públicas e aos eventos e festejos.

Esse trabalho tem como motivação minhas memórias no bairro de Bebedouro. O alto desse bairro histórico, que é onde moro – a Chã de Bebedouro –, foi a paisagem que convivi nesse universo nostálgico, tangente à Lagoa Mundaú, que dela depende fortemente. As principais lembranças vêm de quando fui coroinha e participante de várias atividades na igreja matriz, da qual o seu padroeiro é um dos santos mais solenizados no mundo, desde o século XII: Santo Antônio de Pádua.

Lá, pude acompanhar a dedicação de devotos oriundos de Maceió e outras cidades, durante minha adolescência, e perceber a importância da fé para o bairro e seus moradores, bem como a influência da Igreja Matriz e as várias capelas da qual é responsável, em Bebedouro e seus bairros vizinhos, na vida das pessoas, seja através da devoção dos santos, como também de ações sociais, os pequenos comércios dependentes dos festejos, dentre outros elementos. Com isso, tem como ponto de partida a vivência num lugar de memória de muitas pessoas, que reforçam a importância do bairro para a história de Maceió.

Isso é reforçado devido as degradações que vêm acontecendo na localidade e regiões vizinhas, com a desapropriação de moradores, decorrentes de problemas com mineração. Esse drama crescente abrange quatro bairros tradicionais da cidade (Bebedouro, Pinheiro, Mutange e Bom Parto) e que vem reforçando a importância do lugar para os moradores, configurando-se em disputas judiciais e uma série de articulações para indenizações e valorização de suas residências.

“Bebedouro se ufana de ter-vos como padroeiro”. Este é um dos versos da letra do hino à Santo Antônio cantado em todas as festas, das quais, quem participa das comemorações ao santo padroeiro, sabe boa parte de cor ou fragmentos da letra e melodia. Em certas partes do percurso foi possível ouvir as pessoas clamando ao Santo para que abençoasse o local e não permitisse catástrofes.

Este verso reforça a importância da igreja, do santo e da fé na comunidade, representados aqui a partir de elementos registrados e capturados por meio de fotografias, performando um percurso etnográfico através do meu olhar enquanto pesquisador da comunidade. É feita uma discussão sobre as capacidades da fotografia

enquanto ferramenta etnográfica e as relações entre fotografia e religiosidade, seguindo com a dissertação sobre a narrativa fotográfica proposta. Provavelmente, esta foi a última procissão tradicional realizada pela comunidade, devido ao agravamento da situação de afundamento do solo no bairro e da pandemia do novo coronavírus.

2. Fotografia enquanto ferramenta etnográfica

Para Berger (2017), as fotografias acompanham uma opção humana, são o resultado da decisão que o fotógrafo julgou valer a pena registrar. Configura-se numa mensagem sobre o que foi registrado, sendo esta decodificada no ato fotográfico. Tanto uma fotografia memorável quanto um flagrante banal têm o mesmo princípio, o que vai diferenciá-las é o grau com que a fotografia decodifica a mensagem.

A fotografia se demonstra um estudo iconográfico e iconológico que se complementam de forma intrínseca na análise fotográfica, pelo seu caráter dependente de contexto, do evento em que foi registrada. Dessa forma, fica ainda mais clara a possível utilização da fotografia enquanto um documento, uma ferramenta de pesquisa, como também narrativa etnográfica, visto que para o seu entendimento, é necessário um percurso de análise que aborda vários aspectos relacionados com o evento fatídico.

Por meio desse conceito, é possível então, apresentar apontamentos de uma experiência etnográfica através de uma “narrativa do olhar”. Mas fica em aberto também de que forma seria relevante analisar a fotografia, considerando o que foi fotografado, sua característica de materialização do olhar, ou ainda, de que forma se rege a escolha do que foi registrado. Esses apontamentos indicam uma possível forma de entender a fotografia como um documento de pesquisa relevante tão quanto, os documentos que se constituem em narrativa verbal.

Scherer (1995) apresenta alguns passos para se analisar fotografias enquanto documento de pesquisa antropológica. São eles: a análise detalhada das evidências internas, bem como a comparação de fotografias com outras imagens; conhecer a história da fotografia trabalhada, além de suas convenções tecnológicas; entender as intenções e propósitos do fotógrafo e como as imagens foram utilizadas pelo criador; estudo do objeto etnográfico fotografado; revisar fatos históricos relacionados ao evento fotográfico.

Com isso pode-se trabalhar com a chamada fotografia etnográfica, identificada por meio do “uso da fotografia para registro e a compreensão da(s) cultura(s), tanto do objeto quanto do fotógrafo”, compondo não somente o propósito da produção, mas especialmente como ela é utilizada para “informar etnograficamente” (Scherer, 1991, pg. 72). Com isto, pode-se compreender a relevância da fotografia no trabalho etnográfico enquanto possível narrativa, sua abrangência e as formas adotadas neste trabalho para análise delas enquanto documento.

3. Fotografia e Religiosidade

A procissão pode ser entendida como uma festa e em seu sentido etimológico, a palavra não está necessariamente ligada ao alegre, mas no contexto religioso, ao que se pode ser homenageado ou comemorado. As festas estão presentes nos mais primórdios registros do homem e, em sua maioria, associadas à magia, à religiosidade. Com o tempo as festas foram ganhando conceitos, datas, rituais e lugares específicos para ocorrerem; ganharam novos motivos em contextos específicos (SANTANA, 2009).

Para Santana (2009, pg. 60), a devoção aos Santos no Brasil é uma herança religiosa dos colonizadores. Isso porque, eles – os santos - são os intermediários na comunicação com Deus. Nesse sentido, “o culto aos santos passou a ser o centro da vida religiosa do povo brasileiro, cujo ponto forte é marcado pela festa em homenagem ao Santo da devoção”. E esse fenômeno se deu por meio de ornamentações efêmeras, como bandeirolas, barracas, enfeites, apropriando o espaço urbano, além de rituais específicos para cada festa, como a abstinência sexual, alimentar, dentre outras.

Cada vez que o homem interroga a si próprio sobre o divino e a existência humana, ele utiliza de sua capacidade simbólica para compreender seus questionamentos, onde os símbolos são responsáveis pela linguagem que se comunica com o divino, e onde neles são revelados os seus sinais. Para isto, é possível entender os símbolos do homem em duas dimensões: o nível dos símbolos figurativos e cósmicos – água, fogo, luz, montanha -, e o nível dos símbolos onde estão ligados o contexto cultural e religioso particular (MESLIN, 2014).

A relação da fotografia com esse universo complexo e amplo está conectada com as representações, ou seja, com a necessidade da transformação do invisível em visível.

A representação imagética de elementos da fé está presente nas crenças de forma pungente e com diferentes intencionalidades, seja na imagem plana ou nos objetos. Nas igrejas católicas por exemplo, as imagens dos santos e da divindade em pinturas em afrescos e estátuas, rememora os devotos dos seus valores, modelos e males. Na expressão popular, pode-se falar dos ex-votos como representações de partes do corpo, do sofrimento decorrente de doenças, para pedir a graça da cura. Ou das fitas coloridas de Juazeiro-CE, para pedidos à Padre Cícero; os estandartes de procissão, terços, vestimentas, dentre outros. Até os corpos dos fiéis, seus gestos do cotidiano, o movimento das danças, todos exprimem religiosidade (MARTINS, 2002).

Um trabalho fotográfico que trata de religiosidade, se contextualiza num pensamento que aborda determinado “nicho” desses símbolos e buscam registrá-los em composições visuais que os represente de acordo com a interpretação do fotógrafo. Dessa fotografia, é possível compreender também de que forma, o que foi representado, pode ser compreendido.

O olhar de certo modo herético ou descrente do fotógrafo vê o invisível, isto é, o irrelevante do ponto de vista litúrgico, os referenciais de desconstrução da sacralidade da imagem fotográfica (22). Sacralidade, aliás, que capturou a fotografia como ex-voto muito antes de a fotografia se interessar pelo sagrado. O fotógrafo estranha o que vê. A fotografia é aí, portanto, o documento desse estranhamento revelador. Os temas falam das miúdas e, aparentemente, irrelevantes características da relação com o sagrado. Falam, pois, de um sagrado que não está apenas, nem essencialmente, na liturgia e, portanto, nas ações dos funcionários do sagrado, mas de um sagrado que está em toda parte, embora não necessariamente em todos os momentos. Um sagrado, porém, que domina um tempo maior da vida do que apenas o tempo do ofício litúrgico (MARTINS, 2002, pg. 235).

Dessa forma, as expressões de religiosidade são múltiplas, sincréticas e se mostram intensamente visuais, nas mais simples ações do seu cotidiano, mesmo que pareça banal. É esse “banal” que o fotógrafo vai encontrar e se choca para gerar sua argumentação. Por meio dessa possibilidade fecunda, é criada uma espécie de “estética da fé” por meio do trabalho do fotógrafo. E ele mesmo, já é um personagem importante na cena religiosa, pois muitas vezes ganha um protagonismo. Sua intrusão é tolerada, reconfigurando conotações diferentes na sua ação, no lugar religioso. É através da fotografia que se pode imaginar o divino, e onde são registradas as ações de troca do

sagrado com o profano: “nessa troca, a fotografia também se reveste de sentido como momento singular do próprio sagrado” (MARTINS, 2002, pg. 244).

4. Nosso amável padroeiro: rogai por nós.

Apresento um panorama geral da festa e de como ocorre a procissão e logo em seguida, a discussão do processo de fotoetnografia. Durante a festa do Santo, eu percorri algumas vezes a Praça Coronel Lucena Maranhão e acompanhei um pouco da festa chamada profana, com o parque, comidas e algumas apresentações culturais, além da procissão e missa que encerraram as festividades sagradas, a qual é o objeto principal desse texto.

A procissão é o ponto alto da festa ao santo, ocorrendo tradicionalmente em treze dias corridos, o que é conhecido na igreja católica como trezena, neste caso, Trezena a Santo Antônio de Pádua. Todas as noites acontecem missas com o padre responsável da igreja ou com padres convidados para participar das festividades. As quermesses são comuns após todas as celebrações, com jogos de bingo, barracas para a venda de bolos e salgados, além de outros comerciantes que se instalam pelas redondezas.

O pequeno comércio é algo que se expande em decorrência da festa. Todos os anos, é tradicional a presença do parque de diversões nas festas juninas e natalinas, situando-se temporariamente na praça, defronte à igreja, após alguns acordos com o padre responsável pela matriz, tais como: não funcionar parcial ou totalmente durante algumas celebrações, podendo conter outros acordos em comum.

Ao redor dos brinquedos, muitas barracas aparentemente, pertencentes ao parque, vendiam batata frita, maçã-do-amor, bolos, tortas, pirulitos. Percebi também a presença de pequenos comerciantes oferecendo lanches, adereços religiosos – terços, escapulários, correntes, pulseiras -, além de pipoqueiros e ambulantes oferecendo água e outros produtos.

A praça de Bebedouro, em sua história constituiu um local de encontros e eventos, registrados ainda na primeira metade do século XX. A praça servia de lugar que complementava a linha férrea dos bondes que circulavam por Maceió,

posteriormente se mostrando um espaço de lazer, como também apresentações de folguedos e outras manifestações.

Além disso, é percurso diário de muitas pessoas, seja pela grande quantidade de colégios nos seus arredores – permitindo que os estudantes fiquem conversando na praça, antes ou depois das aulas -, seja pelo ponto de ônibus, que sugere à espera do transporte enquanto experiencia a paisagem da praça, ou ainda pela simples passagem a pé ou de carro, já que a Rua Cônego Costa é uma via importante da parte baixa da cidade, que leva à alguns bairros da parte alta, em tempo estratégico. Por conta disso, o trânsito pela manhã e nos fins de tarde são intensos nos dias da semana, o que caracteriza que, muitas pessoas estão habituadas com a paisagem do bairro, especialmente a praça central.

A igreja matriz também passou por algumas intervenções com o tempo. A parte central do prédio é a mais antiga, com a fachada composta por azulejos portugueses, com o azul característico. Do lado direito e esquerdo do prédio central são as extensões, construídas por volta dos anos 1990, o que deixa a planta baixa em forma de cruz.

Por dentro, a igreja tem cor clara, uma aparência minimalista, com poucos detalhes arquitetônicos, algumas imagens de santos como Santa Ana, São José, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora Aparecida, dentre outros santos, populares no catolicismo brasileiro. Uma das extensões indica a entrada da reforma mais recente da igreja: a capela do Santíssimo Sacramento, onde os fiéis podem fazer suas orações em um pequeno espaço que resguarda o “corpo e o sangue de Cristo” consagrados na missa, ou seja, a hóstia e o vinho que se transfigura no tradicional ritual da fé católico.

Faz oito anos que me desliguei definitivamente de todas as atividades da igreja e que não ia às procissões de Santo Antônio. Antes, tinha a minha visão de devoto e participante da igreja, como coroinha² e ativo em outros setores que a compõem e fazem a instituição funcionar. Mas dessa vez, após um longo tempo, fui com um “olhar de pesquisador”, de quem não lembrava de alguns rituais, costumes específicos, quem parou de frequentar as missas e festas, sem saber se o percurso continuaria o mesmo, se

² Coroinha geralmente representa todos os meninos e meninas que ajudam o celebrante da missa (padre, bispo, cônego) na preparação dos rituais ou como apoio para o melhor desenvolvimento da celebração. Podem ser chamados também de acólitos (homens) e ancilas (mulheres). Disponível em: <https://sacrificiovivoesanto.wordpress.com/ministerio-de-acolitos-e-ancilas/>

o padre era a mesma pessoa, se alguns amigos e companheiros ainda frequentavam. Me reconheci como leigo, pronto para debruçar essa nova perspectiva sobre a procissão.

A procissão inicia seu cortejo ao comando do padre, após concentração na praça, onde foi montada, na calçada da igreja, uma tenda para proteger o altar montado especialmente para às celebrações da procissão. Lá aconteceu o que se chama “missa campal”, que é uma missa ao ar livre e qualquer pessoa na rua pode acompanhar o ritual. Foi desse altar que o padre indicou o começo da procissão, que percorreu pelas ruas vizinhas, perfazendo mais uma vez a praça, seguindo a rua principal, defronte à igreja. Próximo ao início da ladeira da Chã de Bebedouro, adentrou-se numa comunidade conhecida popularmente como Flexal de Cima e foi feito o retorno no Flexal de Baixo, voltando à rua principal, em direção à igreja (Figura 1).

Figura 1 – Percurso da procissão em Bebedouro.



Fonte: Adaptado de GoogleMaps (2019).

Antes da procissão me planejei para criar retratos. A proposta era discutir a simbologia religiosa nas pessoas, seus gestos, expressões e adereços. Mas, foi no campo que percebi as reais necessidades e as amplitudes do evento, seja pela sua complexidade de percurso, os elementos que a envolvem como o comércio, os rituais específicos, os cânticos, os trajes, adereços e as outros aspectos que, por sua vez, se fizeram importantes.

Vista essa complexidade, no momento de estudar as fotografias que registrei, o percurso com o “olhar” que delimitei, separei em categorias. Mas como este texto se

trata de um ensaio, reduzi também a quantidade de categorias, para a escrita da narrativa ficar objetiva. Mesmo que a intenção maior não fossem fotografias artísticas, me preocupei com a plasticidade da foto, a fim de me distanciar da ideia de “fotografia documental”, criticada por Caldarola (1998). Para o autor é necessária a consciência sobre a capacidade de simbolização das fotografias, funcionando como uma interpretação de símbolos, por meio da sua condição valiosa de registrar o imediato, podendo se utilizar de elementos artísticos como modo que auxilia na comunicação dessa intenção simbólica da fotografia.

Com isto, todas as fotografias que selecionei, foram posteriormente editadas e dada o tom próximo do roxo, cor essa escolhida porque remete à espiritualidade e ao exotérico. Somei a isso, um efeito escurecido no enquadramento, associando às imagens que tratam de lembranças e memórias. Embora tenha escolhido essas características estéticas, referente à memória, tive noção de que estava tratando de uma procissão enquanto fenômeno único, mas que possui uma tradição e tem símbolos em processo de significação e ressignificação. Assim, as categorias que selecionei estão dispostas abaixo, com suas respectivas fotografias.

Reconhecimento: Se trata do primeiro momento, do choque entre passado e presente das minhas experiências pessoais, bem como o processo de me desvencilhar desse passado para construir um olhar sobre a procissão que estava para acontecer, na perspectiva de um aparente “leigo”. Os ângulos usados aqui são mais abertos e lidam com o todo, para compreender que universo religioso é este que procurei vivenciar. Por isso, consta da praça ainda vazia com as pessoas conversando, como na primeira imagem da figura 2. Nela tentei dar ênfase à roda gigante, se confundindo com as bandeiras, como sinônimo do parque que na praça se instalara, por sua vez, a diversão e a descontração do momento que era das pessoas esperando a procissão. A mulher na foto, passou exatamente na hora da captura, o que aprimorou a composição.

As bandeiras continuam presentes nas outras fotografias dessa sessão e tem uma forte carga simbólica, por conta das festas juninas. Algumas imagens apresentam a concentração das pessoas. Em algumas delas, utilizou-se um ângulo mais baixo para apresentar a dimensão da igreja com sua ornamentação e apresentá-la como um templo, talvez maior para quem é fiel, por ser o espaço sagrado, a casa do divino. A segunda

imagem da figura 3 é o início do percurso da procissão, acompanhada do incenso, o que aparentemente, dá a impressão de anunciar, preparar o percurso para “o povo de Deus” passar. Esta procissão tem uma organização de grupos, funcionando como órgão de hierarquia no serviço da paróquia. Inicia-se com os coroinhas, levando a cruz e o incenso.

Figura 2 - Reconhecimento



CARDOSO, Arlindo (2019)

Figura 3 - Reconhecimento



CARDOSO, Arlindo (2019)

Percurso: A ideia da narrativa é seguir com o percurso da procissão, para isso escolhi as fotos a seguir (figura 4). Elas mostram a procissão em diferentes lugares. A primeira em uma das ruas próximas à igreja, onde os moradores decoraram com bandeirolas, como tradição das festas juninas, na qual a procissão de Santo Antônio já era esperada. A segunda, mostra o cortejo com o casario, pelas fachadas históricas do bairro, como uma tentativa de denunciar a tradição do ato de fé.

As fotografias seguintes são as da figura 5, apresentando os percursos durante o percurso. Durante a procissão, homens e mulheres empurram a charola que é apoiada em uma espécie de carro, sendo empurrada por toda a procissão, mas que precisa de

uma certa direção por conta do peso da ornamentação, como também os drilbes dos buracos, ladeiras e poças da rua. Uma delas mostra o líder da charola guiando os colegas. Ele gritava para os outros seguissem seus comandos e levantava a mão para indicar a direção e quando parar.

Figura 4 - Percurso



CARDOSO, Arlindo (2019)

Figura 5 - Percurso



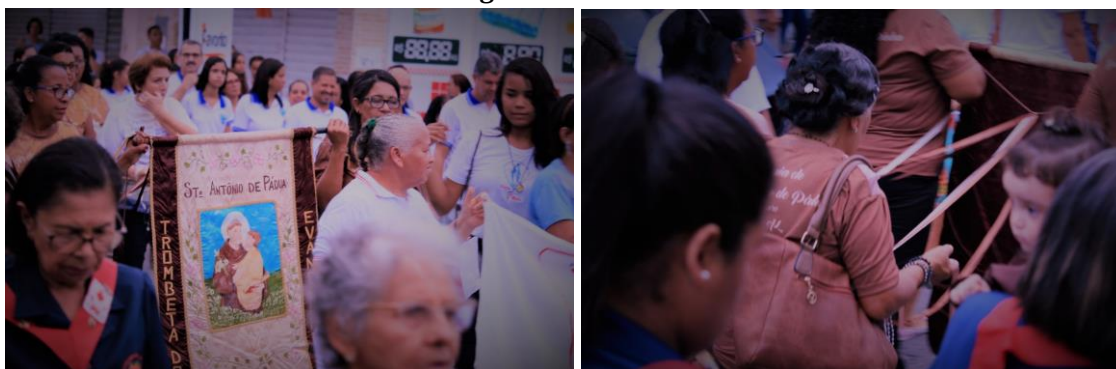
CARDOSO, Arlindo (2019)

Detalhes: Logo após os coroinhas, no início da procissão, os responsáveis pelas hóstias consagradas, os chamados Ministros da Eucaristia viam a seguir. Sucedidos dos grupos específicos de devoção na igreja. Cada grupo tem sua vestimenta com cor característica, e uma das marcas do adereço são as fitas utilizadas como “colar”. Alguns desses grupos levam seus próprios estandartes que geralmente estão em harmonia com as cores do coletivo. O objetivo nessa sessão foi apresentar os detalhes da devoção do trabalho coletivo desse grupo, partindo da devoção individual.

Gostaria de contar o motivo da escolha segunda fotografia da figura 7. Estava anoitecendo, no percurso da volta da procissão, e ao passar por essa casa, a senhora que estava na calçada – fez esse altar e gritava “Santo Antônio, tu és forte e eu sei que não

vai deixar esse bairro se acabar”. A mulher se referia ao problema que moradores dos bairros Pinheiro, Bebedouro e Mutange tem sofrido com as rachaduras das casas, decorrentes da extração de salmora na região. A procissão foi uma das formas de expressar a fé, pedindo ajuda ao santo padroeiro e intercedendo por ele.

Figura 6 - Detalhes



CARDOSO, Arlindo (2019)

Figura 7 - Detalhes



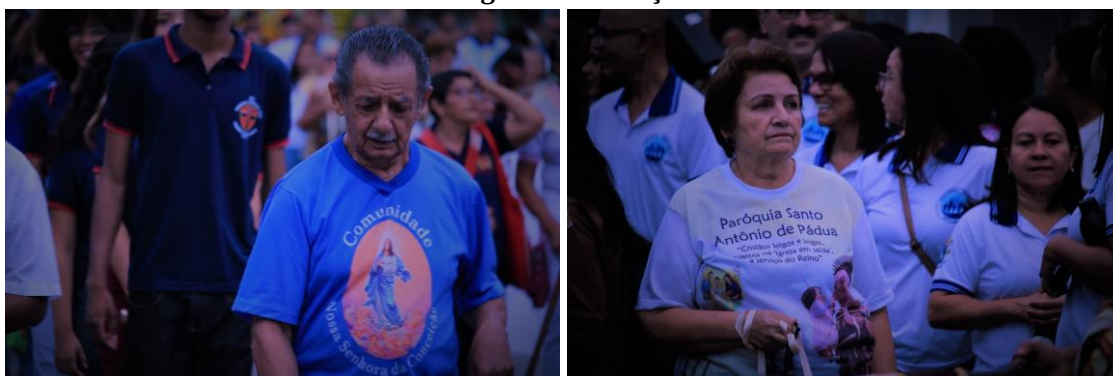
CARDOSO, Arlindo (2019)

Devoção: Essa categoria se repete a alguns retratos, como resultado da ideia inicial para a narrativa imagética. Esses retratos surgem devoção tanto para Santo Antônio, quanto outros santos, por meio da experiência e da penitência, ou seja, as pessoas que se ornamentam independente de grupos, para expressar sua fé. As pessoas representadas são conhecidos da comunidade pela sua frequência nas missas e procissões da matriz.

Trabalho: Refere-se às pessoas que observam a procissão não somente como um ato de devoção, mas de trabalho, possivelmente não remunerado, mas um trabalho voluntário ao Santo Padroeiro. Na primeira imagem da figura 9 o homem segura uma das bandeiras para não estourar em contato com o trio elétrico. Em meio ao poste, fios

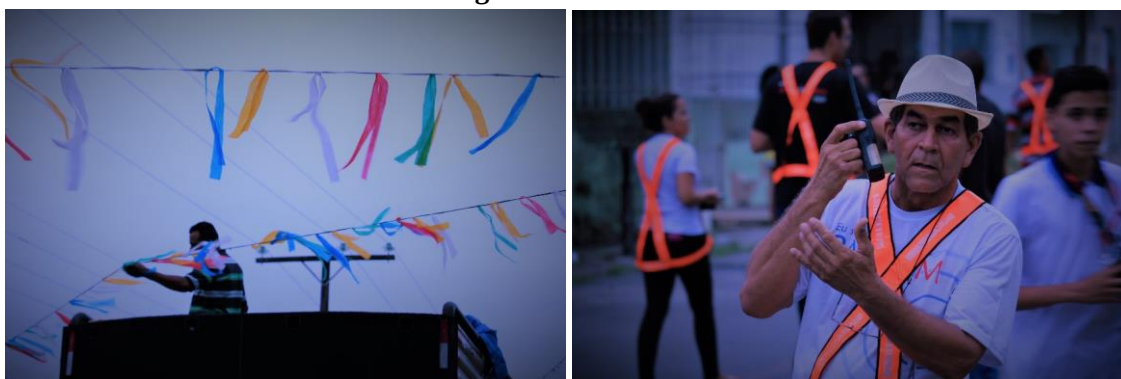
e as bandeirolas, ele estava fazendo ele representava uma atividade de trabalho para que a procissão corresse bem e que assim. Na segunda imagem, o homem que indica a passagem. A cor fluorescente do seu colete e de seus colegas chamam a atenção para a equipe de trânsito, composta por pessoas da comunidade. Ou seja, esse trabalho representa a procissão como um ato de fé organizado e produzido, com uma equipe de fiéis que atuam na própria logística do percurso.

Figura 8 - Devoção



CARDOSO, Arlindo (2019)

Figura 9 - Trabalho

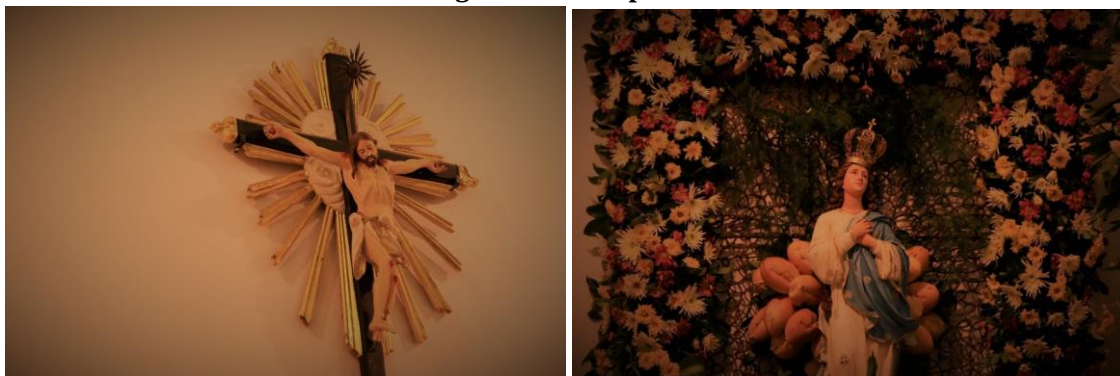


CARDOSO, Arlindo (2019)

Corpo-Pão: E por fim, essa sessão que tem sentido duplo, apresentando símbolos essenciais da relação católica, como Jesus crucificado e todo o seu sofrimento para morrer pelos seus (figura 10). A imagem de Nossa Senhora da Conceição, mãe de Jesus, que no altar da igreja matriz é uma das representações de santos que acompanha Santo Antônio. Ela também é símbolo de servidão, dedicação e entrega aos mistérios de Deus. E a figura 11, o cesto com pães. O pão representa tanto a consagração de Jesus, onde no ritual da missa a hóstia se transforma no corpo, e o vinho no sangue de Cristo. O pão também aqui representa um dos símbolos de Santo Antônio, por isso que na

decoração da igreja foram utilizados pães. Às terças-feiras acontece a tradicional missa de Santo Antônio, onde são colhidos pães doados pela comunidade e levadas para abrigos de caridade. É o pão do padroeiro que mata a fome dos necessitados.

Figura 10 – Corpo-Pão



CARDOSO, Arlindo (2019)

Figura 11 – Corpo-Pão



CARDOSO, Arlindo (2019)

Para este texto, a discussão por meio da linguagem verbal, foi necessária. Eu a utilizei mais do que gostaria, para que se pudesse contextualizar as minhas propostas. Mas essas categorias foram pensadas para servirem de narrativa da pesquisa sem o auxílio de explicações detalhadas sobre os processos. Acredito que a sequência escolhida e a separação em categorias, ajude o apreciador a decodificar os símbolos que optei capturar e selecionei nesse ensaio.

Diante disso, este trabalho serviu não somente para aplicar técnicas fotográficas, métodos ou conceitos teóricos, mas especialmente para compreender mais a fundo os processos de significações e resignificações das expressões de religiosidade. Cada procissão se apresenta como um universo desses elementos, porque é através dela, um percurso do ato de fé, que os fiéis tem mais uma chance de pedir, implorar perdão e misericórdia.

Esta misericórdia é uma necessidade do homem, e o divino se expressa nele e através dele (MESLIN, 2014). A religiosidade popular transforma a rua na extensão da igreja, faz da procissão um grande corpo de fé, caminhando lado a lado com seus santos e demais entidades. É o grande altar de súplicas e agradecimentos.

A misericórdia também é clamada especialmente nos tempos de drama popular, devido aos problemas com as remoções do bairro de bebedouro. Com isso, este ensaio espera estimular trabalhos que tomem a memória das interações entre as pessoas com o lugar, que a coloquem em questão, seja pela fotografia ou outros suportes possíveis. Não somente devido as mudanças naturais das dinâmicas culturais, mas especialmente nesse caso, por conta das mudanças impostas a elas pelas entidades de poder.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CALDAROLA, Victor J. **Imaging Process as Ethnographic Inquiry**. Visual Anthropology, Vol. 1, USA: Harwood Academic Publishers GmbH, pp. 433-451, 1998.

MARTINS, José de N. **A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil**. In: Anais do Symposium on Popular Religion and Visual Culture in Brazil - Universidade de Oxford, Oxford, 2002.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PELEGRINI, Sandra. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

SANTANA, Mariely. **Alma e festa de uma cidade: devoção e construção da Colina do Bonfim**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SCHERER, Joanna. **Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica**. In: Cadernos de Antropologia e Imagem 3: 69-83, 1995.